

CONHECIMENTOS E CRENÇAS DE UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE ENGENHARIA SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Knowledge and beliefs of university students of the engineering course on sexually transmitted infections

Conocimientos y creencias de los estudiantes universitarios del curso de ingeniería sobre infecciones de transmisión sexual

Carolina Passos Sodré¹, Thelma Spindola², Leticia Brito Tambasco³, Débora Fernanda Sousa Marinho⁴, Raquel Ramos Woodtli⁵, Rômulo Frutuoso Antunes⁶

Como citar este artigo:

Sodré CP, Spindola T, Tambasco LB, Marinho DFS, Woodtli RR, Antunes RF. Conhecimentos e crenças de universitários do curso de engenharia sobre as infecções sexualmente transmissíveis. 2021 jan/dez; 13:1089-1094. DOI: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcfo.v13.9979>.

RESUMO

Objetivo: analisar o conhecimento e crenças sobre as infecções sexualmente transmissíveis entre universitários do curso de engenharia. **Método:** pesquisa descritiva, transversal, quantitativa, realizada em universidade privada no Rio de Janeiro. Selecionou-se uma amostra de 170 estudantes do curso de engenharia. Os achados foram organizados e analisados com emprego da estatística descritiva. **Resultados:** houve predomínio do sexo masculino (86,47%); idades de 18-23 anos (78,83%); solteiros (60%); sem filhos (97,06%); moram com os pais (76,47%). Não utilizam preservativo de forma contínua (62,25%), mas acreditam ser pouco possível adquirir infecções (42,35%). Apresentam conhecimento insuficiente sobre as infecções (77,65%); reconhecendo as mais divulgadas pela mídia. **Conclusão:** a maioria dos estudantes reconhece a importância do preservativo, mas não usa regularmente. Os jovens apresentam conhecimentos insuficientes e crenças que colocam em risco a sua saúde sexual.

DESCRIPTORIOS: Compreensão; Doenças sexualmente transmissíveis; Adulto jovem; Comportamento sexual; Educação superior.

- 1 Enfermeira. Graduada em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Residente em Saúde da Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9819-2156>.
- 2 Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada à Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1785-5828>.
- 3 Enfermeira. Graduada em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Residente em Saúde da Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1928-212X>.
- 4 Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0158-4381>.
- 5 Acadêmica de Enfermagem. Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6418-1037>.
- 6 Acadêmico de Enfermagem. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Endereço: Boulevard 28 de Setembro, 157 - Vila Isabel, Rio de Janeiro - RJ - Brasil. CEP: 20551-030. Telefone: (21) 2868-8236. E-mail: romulofantunes@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2800-5295>.

ABSTRACT

Objective: to analyze the knowledge and beliefs about sexually transmitted infections among university students in the engineering course. **Method:** descriptive, transversal, quantitative research carried out at a private university in Rio de Janeiro. A sample of 170 students from the engineering course was selected. The findings were organized and analyzed using descriptive statistics. **Results:** there was a predominance of males (86,47%); ages 18 to 23 years (78,83%); singles (60%); without children (97,06%); live with their parents (76,47%). They not use condoms continuously (62,25%); but they believe it is not possible to acquire infections (42,35%). They have insufficient knowledge about infections (77,65%), recognizing the most widely disseminated by the media. **Conclusion:** most students recognize the importance of condoms, but do not use them regularly. Young people have insufficient knowledge and beliefs that put their sexual health at risk.

KEYWORDS: Comprehension; Sexually transmitted diseases; Young adult; Sexual behavior; Education, higher.

RESUMEN

Objetivo: analizar el conocimiento y las creencias sobre las infecciones de transmisión sexual entre estudiantes universitarios en el curso de ingeniería. **Método:** investigación descriptiva, transversal y cuantitativa realizada en una universidad privada de Río de Janeiro. Se seleccionó una muestra de 170 estudiantes del curso de ingeniería. Los hallazgos se organizaron y analizaron mediante estadística descriptiva. **Resultados:** predominó el sexo masculino (86,47%); edades 18 a 23 años (78,83%); solteros (60%); sin hijos (97,06%); viven con sus padres (76,47%). No usan condones continuamente (62,25%), pero creen que no es posible adquirir infecciones (42,35%). Tienen un conocimiento insuficiente sobre las infecciones (77,65%); reconociendo lo más publicitado por los medios de comunicación. **Conclusión:** la mayoría de los estudiantes reconoce la importancia de los condones, pero no los usa regularmente. Los jóvenes tienen conocimientos y creencias insuficientes que ponen en riesgo su salud sexual.

DESCRIPTORES: Comprensión; Enfermedades de transmisión sexual; Adulto joven; Conducta sexual; Educación superior.

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) geralmente são transmitidas por via sexual e estão entre os problemas mais comuns de saúde pública existentes mundialmente.¹ Segundo o Boletim Epidemiológico (2019)², no período de 2007 a junho de 2019, observou-se que a maioria dos casos de infecção pelo HIV atingiu indivíduos na faixa etária de 20 a 34 anos, correspondendo a 52,7% dos casos totais. Nos últimos dez anos, houve aumento de 94,6% de casos entre os jovens do sexo masculino na faixa etária de 20 a 24 anos, e queda de registros no sexo feminino, em todas as faixas etárias. Esses aspectos demonstram a necessidade de ações preventivas e de educação em saúde direcionadas a grupos vulneráveis.²

Atualmente alguns microrganismos como a *Neisseria gonorrhoeae* apresentam ausência de sensibilidade a antibióticos usados amplamente na prática assistencial, tornando-os multirresistentes. Uma das principais formas de prevenir a multirresistência é prevenir a ocorrência de novas infecções pelo uso contínuo do preservativo.³

Os jovens são considerados um grupo vulnerável para adquirir IST, considerando a presença de alguns comportamentos de risco, como o início precoce da vida sexual,

o uso descontínuo ou incorreto do preservativo, a ocorrência de múltiplos parceiros e o uso de álcool e/ou drogas.^{4,5}

O conhecimento constitui um importante fator associado aos comportamentos sexuais de risco durante a juventude. O jovem costuma ter uma percepção incorreta sobre os modos de transmissão das principais IST, ou acreditam ser pouco possível adquirir uma infecção. É importante salientar, então, que o conhecimento de cada indivíduo se reflete em suas escolhas e nas consequências de seus atos.⁶

Sabe-se que o conhecimento é uma ferramenta importante e que pode incentivar ações de prevenção mais frequentes relacionadas às IST. Nesse contexto, torna-se relevante investigar o conhecimento acerca das IST entre estudantes universitários, considerando a vulnerabilidade dos jovens a esses agravos e os prejuízos que acarretam para a saúde sexual. Assim, este estudo tem como objetivo analisar os conhecimentos e as crenças sobre as infecções sexualmente transmissíveis entre universitários do curso de engenharia.

MÉTODO

Estudo descritivo, transversal, quantitativo, que integra a pesquisa "*Sexualidade e Vulnerabilidade dos Jovens em Tempos de Infecções Sexualmente Transmissíveis*" coordenada pela Prof.^a Dr.^a Thelma Spindola. A pesquisa matriz foi realizada em 2016, com 768 estudantes universitários de ambos os sexos, de uma universidade privada, no município do Rio de Janeiro. A amostra foi do tipo intencional, por conveniência, estratificada por sexo, intervalo de confiança de 95% e erro amostral de 5%. Os dados foram armazenados em um banco de dados com auxílio *software Excel 2013*.

Para este recorte foram selecionados do banco informações dos estudantes do curso de graduação em engenharia, totalizando 170 (22,14%) dos participantes da pesquisa matriz. A escolha dos estudantes da área de exatas se justifica, considerando o interesse dos autores em saber se existe diferença no conhecimento dos jovens, oriundos de uma área distinta da saúde, acerca das IST.

Os participantes do estudo tinham idades entre 18-29 anos e foram abordados nas áreas de convivência da universidade. Para captação dos dados na pesquisa matriz foi utilizado um questionário com 60 questões fechadas. O instrumento de coleta de dados continha variáveis relacionadas aos aspectos socioeconômicos, perfil sexual, conhecimento das IST, práticas de prevenção de IST e cuidado com a saúde. Para este estudo foram selecionadas questões relacionadas ao conhecimento e crenças sobre as IST, perfil sexual dos estudantes, totalizando 21 variáveis. Os dados foram armazenados em um banco de dados com auxílio *software Excel 2013* e tratados com emprego da estatística descritiva uni e bivariada.

Na construção da escala de crenças, adotou-se o modelo Likert, que objetiva verificar o nível de concordância com assertivas favoráveis ou desfavoráveis sobre a temática. Para a análise dos dados, foram somadas as frequências indicadas pelos respondentes para as opções apresentadas.

Foram respeitados todos os procedimentos éticos, ou seja, os universitários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o projeto foi apreciado e aprovado pelo CEP institucional com o parecer número 1.577.311 e CAAE 56763316.1.0000.5291.

RESULTADOS

Participaram do estudo 170 estudantes de graduação em engenharia. As características socioeconômicas dos universitários evidenciam que 147 (86,47%) do sexo masculino, 134 (78,83%) idades entre 18-23 anos, 102 (60%) solteiros, 165 (97,06%) não tem filhos, 111 (65,29%) se autodeclararam brancos, 130 (76,47%) moram com os pais; 98 (57,65%) não trabalham, e 70 (41,18%) renda familiar maior que sete salários mínimos (o valor do SM, em 2016, era R\$880,00).

O conhecimento dos estudantes em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis foi avaliado, conforme a Tabela 1 demonstra.

Tabela 1 - Conhecimento dos estudantes de engenharia de uma universidade privada acerca das infecções sexualmente transmissíveis. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018

Variável	f	%
Conhecimento sobre as formas de transmissão		
Aids	164	96,47
Herpes	150	88,24
Sífilis	132	77,65
Gonorreia	120	70,59
HPV	114	67,06
Hepatite	113	66,47
Clamídia	37	21,76
Nenhuma das infecções	4	2,35
Infecções com transmissão em banheiro público		
HPV	65	38,24
Gonorreia	52	30,59
Nenhuma das infecções	36	21,18
Sífilis	35	20,59
Hepatite	34	20,00
Aids	14	8,24
Clamídia	12	7,06
Herpes	5	2,94
Não respondeu	1	0,59
Doenças que têm cura		
Gonorreia	106	62,35
Sífilis	88	51,76
Herpes	78	45,88
Hepatite	77	45,29
HPV	51	30,00
Clamídia	31	18,24
Nenhuma das infecções	28	16,47
Aids	3	1,76
Total	170	100,00

Fonte: Banco de dados da Pesquisa Sexualidade e Vulnerabilidade dos Jovens em Tempos de Infecções Sexualmente Transmissíveis

Ao serem questionados quanto às doenças que uma pessoa pode ser infectada ao não usar preservativo em relações sexuais, 162 (95,29%) assinalaram aids, 129 (75,88%) sífilis, 124 (72,94%) gonorreia; 69 (40,59%) hepatite e apenas 54 (31,76%) clamídia, revelando o pouco conhecimento dos jovens acerca dessas infecções.

A autoavaliação dos estudantes sobre o conhecimento em relação às IST é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2 - Autoavaliação dos estudantes de engenharia de uma universidade privada sobre o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis e métodos de prevenção. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018

Variáveis	f	%
Todo conhecimento acerca da transmissão das infecções sexualmente transmissíveis		
Não	132	77,65
Sim	36	21,18
Não informou	2	1,18
Conhece algum método de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis		
Sim	156	91,76
Não	13	7,65
Não informou	1	0,59
Qual método de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis conhece?		
Preservativo	131	77,06
Preservativo e abstinência sexual	4	2,35
Preservativo e vacina	1	0,59
Preservativo e visita regular ao médico	1	0,59
Preservativo e pílula do dia seguinte	1	0,59
Não informou	18	10,9
Não se aplica	14	8,24
Total	170	100,00

Fonte: Banco de dados da Pesquisa Sexualidade e Vulnerabilidade dos Jovens em Tempos de Infecções Sexualmente Transmissíveis

A Tabela 3 apresenta as crenças dos estudantes de engenharia sobre as IST.

Tabela 3 - Crença dos estudantes de engenharia de uma universidade privada acerca das infecções sexualmente transmissíveis. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018

Variáveis	f	%
O risco de transmissão do HIV/aids pode ser reduzido se uma pessoa tiver relações sexuais somente com parceiro fiel		
Concordo	119	70,00
Não concorda nem discorda	21	12,35
Discordo	29	17,06
Não respondeu	1	0,59
Uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada pelo HIV/aids		
Concordo	155	91,18
Não concorda nem discorda	9	5,29
Discordo	4	2,35
Não respondeu	2	1,18
Em algumas relações sexuais a pessoa pode não usar preservativo e não ficar exposta a IST		
Discordo	78	45,88
Não concorda nem discorda	57	33,53
Concordo	33	19,41
Não respondeu	2	1,18
Usar preservativo é a melhor maneira de evitar que uma IST seja transmitida durante a relação sexual		
Concordo	156	91,76
Não concorda nem discorda	10	5,88
Discordo	2	1,18
Não respondeu	2	1,18

Variáveis	f	%
O uso de álcool ou drogas pode fazer as pessoas transarem sem usar camisinha		
Concordo	124	72,94
Não concorda nem discorda	21	12,35
Discordo	23	13,53
Não respondeu	2	1,18
Total	170	100,00

Fonte: Banco de dados da Pesquisa Sexualidade e Vulnerabilidade dos Jovens em Tempos de Infecções Sexualmente Transmissíveis

Os estudantes foram questionados sobre suas práticas sexuais e a possibilidade de adquirir IST, demonstradas na Tabela 4.

Tabela 4 - Práticas sexuais dos estudantes de engenharia de uma universidade privada e avaliação da possibilidade de adquirir IST, segundo o sexo. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2018

Variáveis	Feminino		Masculino		Total	
	F	%	f	%	f	%
Teve relações sexuais						
Sim	20	86,96	131	89,12	151	88,82
Não	3	13,04	16	10,88	19	11,17
Usa camisinha em todas as relações sexuais						
Sim	4	20	53	40,46	57	37,74
Não	16	80	78	59,54	94	62,25
Não respondeu	3	13,04	16	10,88	19	11,17
Possibilidade de adquirir uma IST						
Muito possível	-	-	1	0,68	1	0,59
Possível	6	26,09	16	10,88	22	12,94
Nem possível nem impossível	1	4,35	22	14,97	23	13,53
Pouco possível	12	52,17	60	40,82	72	42,35
Impossível	4	17,39	48	32,65	52	30,59

Fonte: Banco de dados da Pesquisa Sexualidade e Vulnerabilidade dos Jovens em Tempos de Infecções Sexualmente Transmissíveis

O uso de preservativo conforme a faixa etária dos estudantes foi avaliado, verificando-se que 22 (38,60) participantes na faixa etária de 18 a 20 anos fazem uso do preservativo em todas as relações sexuais; enquanto 71 (75,53%) jovens com idades entre 21 e 29 anos, não fazem uso do preservativo de maneira contínua.

DISCUSSÃO

Os dados sociodemográficos dos universitários demonstram que a maioria era do sexo masculino, cor da pele branca e na faixa etária entre 18 e 23 anos. Sabe-se que na educação brasileira, 87,7% das instituições de ensino superior são privadas. O Censo da Educação Superior, investigando 707 jovens, sinalizou que existe predominância de estudantes do sexo feminino entre os universitários brasileiros.^{7,8} Em relação à idade de ingresso nos cursos, a média é de 25,6 anos e a idade de conclusão é de 28 anos.⁷ Nesta pesquisa houve predominância do sexo masculino, sendo consoante à maior probabilidade de escolha do curso de engenharia por estudantes homens, destacam autores.⁹

Quanto ao perfil econômico dos universitários, um número expressivo (41,18%) tinha renda superior a sete

salários mínimos (R\$ 6160,00), o que não reflete o perfil de boa parte da população brasileira. Estudo com estudantes de engenharia da computação verificou que apresentavam renda mais alta quando comparados aos de ciência da computação e sistemas de informação.¹⁰

A incidência de IST na população jovem tem aumentado de modo expressivo. Estudos em diversos cenários sinalizam que jovens inseridos no contexto universitário, não apresentam conhecimento satisfatório sobre as IST.^{11,12} Avaliando os conhecimentos gerais sobre as IST/Aids, constatou-se que este tema não é totalmente desconhecido dos adolescentes de uma escola pública de Natal, nordeste do Brasil.¹³ Muitos tiveram informações fora da escola, principalmente com amigos, podendo ser superficiais, impregnadas de preconceitos, e advindas de fontes não confiáveis, como pessoas que não tiveram acesso à educação sexual.¹³

Realizando atividade de extensão, com jovens de 15 a 19 anos, pesquisadores verificaram que a falta de informações sobre as IST estava relacionada a dificuldade em trabalhar a temática nas escolas, por se tratar de um tabu e pela execução de metodologias biomédicas e pouco humanizadas.¹⁴ Estudo demonstrou que metade dos adolescentes referiu conhecer infecções de transmissão sexual como o HIV, a gonorreia, sífilis, hepatite, o herpes genital e HPV, evidenciando um bom nível de informação em relação à temática.¹⁵

Os estudantes de engenharia questionados sobre as doenças que uma pessoa pode ser infectada ao usar banheiros públicos e compartilhar seringa ou agulha, responderam a infecção pelo HPV, 65 (38,24%) e 52 (30,29%), respectivamente. Os achados demonstram que os universitários não apresentam conhecimento suficiente sobre a transmissão dessa infecção, considerando que ocorre, preferencialmente, por via sexual e a transmissão por fômites é rara, conforme salienta o Ministério da Saúde.⁷

Estudo que avaliou o conhecimento sobre HPV de 591 indivíduos, da cidade de Ipatinga-MG, constatou limitação, especialmente, entre os homens quando informaram desconhecer o HPV e a vacina para prevenção.¹⁶ Autores¹³ referem que os adolescentes discutem mais sobre comportamento sexual, riscos das doenças sexualmente transmissíveis e prevenção da gravidez. Acrescentando que os jovens não demonstram conhecimento adequado sobre as formas de transmissão das IST.¹³

Ao avaliar o conhecimento de 2449 jovens de 12 a 18 anos, pesquisadores verificaram que as meninas apresentavam maior conhecimento sobre os métodos contraceptivos e IST quando comparadas aos meninos. No que concerne as práticas sexuais, assumiam comportamentos sexuais de risco ao não utilizar o preservativo com as parcerias sexuais em decorrência da confiança.¹⁷

O método para a prevenção de IST mais citado foi o preservativo, 131 (77,09%), demonstrando que os universitários reconhecem a importância desse recurso. O preservativo feminino e o masculino são métodos primários de tecnologia eficazes para a prevenção das IST.^{1,18} Os serviços de saúde pública fornecem orientações sobre o preservativo, oferecido gratuitamente, quanto à conservação, o modo correto e regular de uso.¹⁸ Estudo com acadêmicos de uma universidade pública

sinalizou que 98 (64,1%) utilizavam o preservativo como forma de proteção, reforçando a importância do uso.¹⁹ A adoção do preservativo ocorre pela falta de confiança no parceiro e desconhecimento sobre a integridade de sua saúde. O uso consistente desse recurso costuma ser associado ao tipo de parceria, sendo mais empregado com parceiros casuais.

Sabe-se que ao considerar a fidelidade nos relacionamentos, não se pode descartar a vida sexual pregressa do parceiro, sendo importante o uso do preservativo em todos os intercursos sexuais. Estudo realizado com jovens universitários de 18 a 29 anos sinalizou que apenas 23,3% dos entrevistados acreditavam que um parceiro fiel não reduz as chances de contrair IST.²¹

Em relação ao uso de drogas lícitas e ilícitas, o uso abusivo de álcool pode afetar as decisões, o julgamento e o discernimento, e deixa o jovem exposto a riscos como o de adquirir IST.²² Estudo sinaliza que o consumo de álcool está diretamente relacionado aos comportamentos de risco, como a prática do sexo desprotegido.²³ Pesquisa com jovens de 18 a 29 anos evidenciou que, embora soubessem que o uso de álcool ou outras drogas pode favorecer comportamentos sexuais de risco, ignoravam essa informação e se arriscavam, evidenciando distinção entre o conhecimento e as práticas sexuais adotadas.²⁴

Gênero, poder e senso comum são fatores importantes na decisão do uso do preservativo. São acompanhados de crenças e mitos relacionados à redução do prazer ou desconforto na utilização do recurso como método de prevenção.²⁵ Sabe-se que o desuso do preservativo por mulheres, muitas vezes, é decorrente do desejo e imposição dos parceiros. As mulheres jovens enfrentam situações de submissão por não terem poder de barganha, negociação e decisão. A vulnerabilidade feminina na negociação do preservativo é um fato, contudo as mulheres procuram utilizar mais o preservativo, enquanto os homens tendem a se esquivar. Pesquisa²⁰ verificou que ambos os sexos não faziam uso do preservativo continuamente, o que se assemelha aos achados deste estudo.

Os homens negam a presença de doenças por considerar que o cuidar está associado ao gênero feminino.²⁰ Sabe-se que desde a infância os homens são ensinados a ocultar seus sentimentos e valorizam a demonstração de força, resistência e virilidade.²⁶ Pesquisa com profissionais de saúde, com um ano de experiência, verificou que os homens se consideram resistentes, negam a possibilidade de adoecimento, são preconceituosos quanto à prevenção, arredios ao tratamento, têm vergonha de procurar ajuda e se sentem inferiorizados por estarem adoecidos.²⁶ Esses achados corroboram com esta pesquisa ao constatar baixa adesão ao preservativo pelos estudantes do sexo masculino. Os jovens não faziam uso do preservativo de forma contínua e, embora tivessem conhecimento insuficiente sobre as IST acreditavam ser pouco possível adquirir uma infecção transmitida pelo sexo desprotegido.

Estudo realizado com jovens de 15 a 24 anos evidenciou que os mais novos usavam mais o preservativo quando comparados aos mais velhos.²⁷ O uso do dispositivo na última relação estava associado a ser solteiro, ter usado preservativo na primeira relação sexual ter tido parceria casual no último ano, ter tido relação sexual com pessoa do mesmo sexo e ter

obtido preservativo gratuitamente. O não uso do preservativo pelos jovens é apoiado em justificativas como a confiança no parceiro ou a imprevisibilidade de algumas relações sexuais. Atividades educativas voltadas para a saúde da população jovem realizadas por enfermeiros, são oportunas, contudo, para potencializar seu êxito devem estar alinhadas ao contexto sociocultural do grupo.²⁷

É importante sinalizar que a informação sozinha não é capaz de mudar a realidade. É necessário que essas atividades sejam atrativas e forneçam informações para que os jovens possam ser sensibilizados e estimulados favorecendo a reflexão. Nesse contexto, acredita-se que o conhecimento vai refletir nas práticas adotadas pelos jovens, sendo fundamental para a formação da sua autonomia acerca da temática.^{6,28}

CONCLUSÃO

Este estudo teve o propósito de analisar o conhecimento e as crenças sobre as infecções sexualmente transmissíveis entre universitários do curso de engenharia. Nos achados, verifica-se que houve predomínio de jovens do sexo masculino, com idades entre 18 e 23 anos, que apresentaram conhecimento insuficiente sobre as IST e, acreditavam ser pouco possível adquirir uma infecção. Ainda que reconheçam a importância do uso do preservativo para a prevenção das IST, não usavam esse recurso de forma contínua. As crenças e conhecimentos dos universitários sobre as IST colocam em risco a sua saúde sexual.

Considerando que os participantes eram estudantes do curso de engenharia e, em sua maioria do sexo masculino, seria oportuno que outros estudos relacionados à temática e ao estereótipo de gênero fossem realizados. Acrescenta-se a importância das ações de educação em saúde do grupo jovem, desenvolvidas por enfermeiros, com estímulo para a adoção de práticas sexuais seguras, para prevenção de IST e redução da ocorrência de agravos nesse contingente populacional.

A pesquisa teve como limitação ter sido realizado em apenas uma universidade sendo oportuna a replicação em outras instituições com estudantes de outras áreas. Os achados deste estudo, contudo são consoantes a outras investigações ao demonstrar que as IST mais divulgadas são as mais reconhecidas pelos jovens.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (WHO). Global Health Sector Strategy on Sexually Transmitted Infections, 2016-2021. [Internet]. 2016 [cited 2020 jan 20]. Available from: <http://www.who.int/reproductivehealth/publications/rtis/ghss-stis/en>.
2. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico HIV/Aids: 2019 [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2019 [acesso em 20 de janeiro 2020]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019>.
3. Alirrol E, Wi TE, Bala M, Bazzo ML, Chen XS, Deal C, et al. Multidrug-resistant gonorrhoea: A research and development roadmap to discover new medicines. *PLoS Med*. [Internet]. 2017 [cited 2020 fev 18]; 14(7). Available from: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002366>
4. Dantas KTB, Spindola T, Teixeira SV, Lemos ACM, Ferreira LEM. Jovens universitários e o conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para cuidar em enfermagem. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*. [Internet]. 2015 [acesso em 22 de março 2020]; 7(3). Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i3.3020-3036>

5. Neves RG, Wendt A, Flores TR, Costa CS, Costa FS, Rodrigues LT, et al. Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012. *Epidemiol. serv. saúde*. [Internet]. 2017 [acesso em 24 de janeiro 2020]; 26(3). Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000300003>.
6. bGenz N, Meincke SMK, Carret MLV, Corrêa ACL, Alves CN. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. *Texto & contexto enferm*. [Internet]. 2017 [acesso em 24 de janeiro 2020]; 26(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>.
7. Ministério da Educação (BR). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2019 [Internet]. Brasília: Ministério da Educação; 2019 [acesso em 20 de janeiro 2020]. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/resultados-e-resumos>.
8. Fonseca RS, Escola J, Carvalho A, Loureiro A. O perfil sociodemográfico dos estudantes universitários: estudo descritivo-correlacional entre uma universidade portuguesa e brasileira. *Educ. foco*. [Internet]. 2019 [acesso em 05 de março 2020]; 24(1). Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2019.v23.26040>.
9. Mello MF, Jung PL, Stamm GR. Perfil e expectativas dos acadêmicos de Engenharia de Produção de uma universidade federal. *Exacta*. [Internet]. 2017 [acesso em 05 de março 2020]; 15(3). Disponível em: <https://doi.org/10.5585/ExactaEPv15n3.7034>.
10. Seabra RD, Mattedi AP. Levantamento do perfil de estudantes ingressantes nos cursos de computação da universidade federal de Itajubá: um estudo socioeconômico e cultural. *Revista de Sistemas e Computação*. [Internet]. 2017 [acesso em 10 de fevereiro 2020]; 7(1). Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rsc/article/view/4704>.
11. Borges M, Silveira RE, Santos AS, Lippi UG. Comportamento sexual de ingressantes universitários. *Rev. Pesqui.* (Univ. Fed. Estado Rio J., Online). [Internet] 2015 [acesso em 15 de fevereiro 2020]; 7(2). Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i2.2505-2515>.
12. Castro EL, Caldas TA, Morcillo AM, Pereira EMA, Velho ENF. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2016 [acesso em 15 de fevereiro 2020]; 21(6). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.00492015>.
13. Silva RAR, Nelson ARC, Duarte FHS, Prado NCC, Holanda JRR, Costa DARS. Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS. *Rev. Pesqui.* (Univ. Fed. Estado Rio J., Online). [Internet]. 2016 [acesso em 20 de março 2020]; 8(4). Disponível em: <http://doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5054-5061>.
14. Ciriaco NLC, Pereira LAAC, Campos-Júnior PHA, Costa RA. A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. *EmExt.* [Internet]. 2019 [acesso em 20 de março 2020]; 18(1). Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REE-v18n12019-43346>.
15. Cruz LZ, Andrade MS, Paixão GPN, Silva RS, Maciel MN, Fraga CDS. Conhecimento dos adolescentes sobre contracepção e infecções sexualmente transmissíveis. *Adolescência & Saúde* (Online). [Internet]. 2018 [acesso em 26 de fevereiro 2020]; 15(2). Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=714.
16. Abreu MNS, Soares AD, Ramos DAO, Soares FV, Filho GN, Valadão AF, et al. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2018 [acesso em 26 de fevereiro 2020]; 23(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018233.00102016>.
17. Oliveira PC, Pires LM, Junqueira ALN, Vieira MAS, Matos MA, Caetano KAA, et al. Conhecimento em saúde sexual e reprodutiva: estudo transversal com adolescentes. *Rev. eletrônica enferm.* [Internet]. 2017 [acesso em 02 de abril 2020]; 190. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v19.39926>.
18. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas Infecções Sexualmente Transmissíveis [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [acesso em 05 de março 2020]. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf.
19. Firmeza SNRM, Fernandes KJSS, Santos EM, Araújo JG, Oliveira ES, Silva AR. Comportamento sexual entre acadêmicos de uma universidade pública. *Rev Rene* (Online). [Internet]. 2016 [acesso em 05 de março 2020]; 17(4). Disponível em: <https://doi.org/6783.2016000400010>.
20. Francisco MTR, Fonte VRF, Pinheiro CDP, Silva MES, Spindola T, Lima DVM. O uso do preservativo entre os participantes do Carnaval - perspectiva de gênero. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.* [Internet]. 2016 [acesso em 10 de março 2020]; 20(1). Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160015>.
21. Fontes MB, Crivelaro RC, Scartezini AM, Lima DD, Garcia AR, Fujioka RT. Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2017 [acesso em 17 de março 2020]; 22(4). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017224.12852015>.
22. Dallo L, Martins RA. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2018 [acesso em 17 de março 2020]; 23(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.14282015>.
23. Silva AA, Silva KCO. Álcool e drogas ilícitas e doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes. *R. Interd.* [Internet]. 2017 [acesso em 20 de março 2020]; 10(2). Disponível em: <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1105>.
24. Spindola T, Oliveira CSR, Santana RSC, Sodré CP, André NLNO, Brochado EJ. Práticas Sexuais, Conhecimento e Comportamento dos Universitários em Relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Rev. Pesqui.* (Univ. Fed. Estado Rio J., Online). [Internet]. 2019 [acesso em 20 de março 2020]; 11(5). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1135-1141>.
25. Bezerra EO, Pereira MLD, Chaves ACP, Monteiro PV. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. *Rev. gaúch. enferm.* [Internet]. 2015 [acesso em 02 de março 2020]; 36(1). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.45639>.
26. Costa Junior FM, Florêncio M, Couto MT, Maia ACB. Gênero e cuidados em saúde: Concepções de profissionais que atuam no contexto ambulatorial e hospitalar. *Sex., salud soc.* (Rio J.). [Internet]. 2016 [acesso em 02 de abril 2020]; (23). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.04.a>.
27. Gutierrez EB, Pinto VM, Basso CR, Spiassi AL, Lopes MEBR, Barros CRS. Fatores associados ao uso de preservativo em jovens - inquérito de base populacional. *Rev. bras. epidemiol.* [Internet]. 2019 [acesso em 02 de abril 2020]; 22. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190034>.
28. Gondim OS, Souto NF, Moreira CB, Cruz MEC, Caetano FHP, Montessuma FG. Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. *Rev. bras. crescimento desenvolv. Hum.* [Internet]. 2015 [acesso em 02 de abril 2020]; 25(1). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7322/JHGD.96767>.

Recebido em: 25/09/2020

Revisões requeridas: 06/07/2020

Aprovado em: 26/10/2020

Publicado em: 01/07/2021

Autor correspondente

Rômulo Frutuoso Antunes

Endereço: Boulevard 28 de Setembro, 157 - Vila Isabel, Rio de Janeiro - RJ, Brasil

CEP: 20.551-030

Email: romulofantunes@gmail.com

Divulgação: Os autores afirmam não ter conflito de interesses.